

BOMBA ATÔMICA

Todos nós sabemos que o mundo é feito de átomos e as bombas atômicas e de hidrogênio podem destruí-lo; e a radioatividade pode alterar profundamente a natureza terrestre e humana.

O mundo sofreu radical transformação, em ritmo cada vez mais acelerado e isto é devido, em grande parte às descobertas científicas. Crescem os meios de destruição, existindo uma permanente ameaça a todos nós.

O que farão os homens uns aos outros?

Muitos acreditam na autodestruição e outros possuem a necessária fé num futuro melhor, dentro da era nuclear em que vivemos. Com quem está a razão?

A primeira Bomba Atômica explodiu em Hiroshima, Japão, e a segunda em Nagasaki e, diante desse mortífero engenho de guerra, o Império do Sol Nascente aceitou a paz imposta pelas Nações Unidas.

Apesar do perigo que a Bomba Atômica apresentava para a sobrevivência da própria espécie humana, as experiências prosseguiram cada vez mais intensas.

“As experiências sobre explosivos atômicos, geralmente são efetuadas em lugares belíssimos. Há uma boa razão para isso: a deposição das cinzas radioativas.

Devido a essa deposição, o lugar das provas deve ser deserto. Os detalhes das explosões nucleares não podem ser descritos aqui, por: primeiro, serem secretos, segundo, pelo tamanho deste artigo e a tolerância do leitor.

A reação nuclear, propriamente dita, toma apenas uma fração de um microssegundo (um microssegundo = um milionésimo de segundo). Toda a energia da bomba é libertada nesse curto período.

Em fevereiro de 1954, foram feitas no Atol de Bikini grandes preparações para a explosão da Bomba de Hidrogênio.

Na madrugada do dia primeiro de março, a bomba havia sido disparada. Uma rápida estimativa indicou 15 megatons (quantidade de energia libertada por um milhão de toneladas de dinamite).

Acrescia-se, assim, mais um elemento de alto poder destrutivo nas mãos do homem.

E o homem parou aí?

Não, pois ao pesadelo das bombas atômicas e de hidrogênio acrescentou a bomba de cobalto. Nesta bomba, a idéia foi intensificar a radioatividade e esta seria usada para envenenar o inimigo e escapando ao controle, envenenaria o mundo.

Em 5 de agosto de 1963, foi assinado em Moscou o Pacto Atômico para a proscrição parcial das provas nucleares. Os chanceleres da União Soviética, Estados Unidos e Grã-Bretanha firmaram, na presença do então Primeiro-Ministro, Nikita Kruchev e do Secretário-Geral da ONU, Sr. U Thant, o tratado que colocava um fim à corrida das provas nucleares. Entrementes, era divulgado um comunicado conjunto, no qual o tratado era qualificado de importante passo inicial para o abrandamento da tensão internacional e para o fortalecimento da paz. O então presidente John Kennedy disse, na ocasião, que o acordo tripartido “é uma vitória para a humanidade”, acrescentando “este tratado não é o milênio”. “Não resolverá todos os conflitos, nem fará com que os comunistas esqueçam suas ambições ou eliminem os perigos da guerra. Mas é um importante primeiro passo. Um passo para a paz, um passo para a razão, um passo para longe da guerra”.

Poucos dias após, um número correspondente à terça parte das nações do mundo firmou, em Londres, Moscou e Washington, cópias do Tratado de Moscou, colocado a partir do dia 8 à disposição dos embaixadores.

Assinou ainda o Tratado a Alemanha Oriental, em Moscou, pois esse regime não era reconhecido pelos aliados ocidentais. Depois de algumas vacilações e face às expressas garantias dadas pelo governo norte-americano, o Chanceler Adenauer, em nome da Alemanha Ocidental resolveu assinar o Tratado, pois este de forma

alguma levaria as nações ocidentais ao reconhecimento de Pankow (Alemanha Oriental – comunista). Como era de esperar, o General De Gaulle, em nome da França, não assinou o Tratado, pois para o velho militar o acordo não é uma “medida real de desarmamento e estabelece, pura e simplesmente, o monopólio das grandes potências nucleares”. E assim, criou uma força nuclear própria (as primeiras experiências atômicas francesas começaram em 13.02.1960). A China, que também não assinou o Tratado, fez explodir em 16.10.64 a sua primeira Bomba Atômica.

Em 10 de julho de 1962, os Estados Unidos fizeram explodir sua mais poderosa Bomba de Hidrogênio no espaço cósmico, a mais de 320 quilômetros de altitude, sobre a ilha de Johnston. Os que a presenciaram no Havaí, a 1.200 quilômetros a nordeste da ilha Johnston, viram o céu iluminar-se, como se fosse dia, com matizes azuis, vermelhos e rosados e, 50 minutos depois, ainda persistia um reflexo como o de uma aurora boreal. Nas ilhas Fiji, a mais de 3.200 quilômetros da ilha Johnston, os habitantes viram o céu sucessivamente adquirir tonalidades brancas, verdes, alaranjadas e vermelhas. As comunicações pelo rádio entre os Estados Unidos e a Austrália ficaram interrompidas durante 20 minutos, após a explosão. A bomba termonuclear foi transportada por um foguete “Thor” e explodiu 15 minutos após seu lançamento. O potência da Bomba H foi de “megatons plus”, ou seja, mais de um megaton, o que equivale a um milhão de toneladas de TNT. Estima-se que a bomba experimentada era de 5 megatons a mais. Lembra-se que a Bomba Atômica lançada sobre Hiroshima era de 20 quilotons, potência equivalente a de vinte mil toneladas de TNT. Por estes dados se pode avaliar o extraordinário poder de destruição da Bomba H.

Em razão de tudo isto, conversações relativas ao desarmamento passaram a se desenvolver, representando um fenômeno do século XX e um dos seus maiores fracassos. Contudo, após a II Guerra Mundial, com o desenvolvimento da bomba atômica, a necessidade de desarmamento adquiriu um alcance e uma premência sem precedentes.

Com o fim da Guerra Fria, em novembro de 1989, encerrou-se a corrida armamentista. Entretanto, a posse ou a ausência de armas nucleares não constituem a chave da segurança internacional. Esta se encontra na capacidade dos homens para evitar situações de conflito, independente da posse de qualquer variedade de armas de destruição.

Certa feita o jornalista japonês Sr. Takada procurou Albert Einstein e perguntou-lhe o que este achava da Bomba de Hidrogênio. O inventor ou mais exatamente calculador da Bomba Atômica, calou-se por um instante; imensa tristeza invadiu-lhe a fisionomia abatida e em seu olhar a dor extinguiu a vida. Disse, então, numa voz entrecortada: “Em toda a história da ciência a fabricação de uma Bomba de Hidrogênio é a falta mais grave cometida pelos sábios”.